# AS MARCAS DE(INTER)SUBJETIVIDADE NAS TIRAS DE ANDRÉ DAHMER: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA

# *(INTER)SUBJECTIVITY MARKS IN ANDRÉ DAHMER"S COMICS: AN ENUNCIATIVE ANALYSIS*

**Lucy Raiane Peres Farias**[137]
**Beatriz Gama Rodrigues**[138]

RESUMO: Dos estudos postulados por Benveniste (1956) compreendemos que desde que nos declaramos locutores, nos apropriando da língua para enunciar, automaticamente implantamos o outro diante de nós, em maior ou menor grau de presença. Este artigo objetiva analisar tirinhas do autor André Dahmer na perspectiva do sujeito e intersubjetividade estudada por Benveniste (1956), explicando de que maneira se dá essa intersubjetividade, explicando os efeitos de sentido que são construídos a partir das marcas de sujeito encontradas. Para tanto, as categorias utilizadas serão, principalmente, as noções de pessoa e não pessoa, de Benveniste (1956), operações de localização, de Culioli (1982, apud CAMPOS, 1994, 1997) e modalidades, segundo Neves (2012). Os resultados obtidos a partir da análise mostraram a ocorrência de algumas marcas mais frequentes que outras, e pudemos perceber que a construção de sentidos de humor e crítica está imbricada às escolhas dessas categorias e marcas nos enunciados, marcas essas importantes para a relação de (inter)subjetividade na perspectiva Culioliana.

Palavras-chave: Enunciação; Quadrinhos; (Inter)subjetividade.

ABSTRACT: From the researches postulated by Benveniste (1956) we understand that since we declare ourselves speakers, appropriating the language to speak, we automatically implant the other in front of us, in a minor or major degree of presence. This article aims at analyzing comics from André Dahmer from the subject"s point of view and intersubjectivity postulated by Benveniste (1956), explaining in which ways this intersubjectivity happens, explaining the effects built from the subject marks found. In: order to do that, the categories used will be, mainly, thenotion of person and non-person, from Benveniste (1956), localization operations, from Culioli (1982, apud CAMPOS, 1994, 1997) and modalities, according to Neves (2012). The results from the analysis showed the occurency of some marks, wich were more frequent than others, and we could perceive that the construction of humour and critical meanings is related to the choices of these categories and marks in the speaking, marks which are important to the relation of (inter)subjectivity in Culioli"s perspective.

Keywords: Enunciation; Comics; (Inter)subjectivity.

137 Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: lucyperes@gmail.com

138 Professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. E-mail: beatriz@ufpi.edu.br

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em análises feitas em tirinhas diversas do autor André Dahmer, sob a luz de alguns postulados e teorias enunciativas. Pretendemos, a partir da compreensão do sentido no e pelo enunciado, identificar marcas no *corpus* selecionado que indicam a (inter)subjetividade, e, a partir da identificação dessas marcas, explicar que efeitos de sentido foram obtidos em cada situação enunciativa, em cada tirinha analisada.

Partiremos dos postulados de Benveniste (1956), o qual não construiu, em seus trabalhos, uma teoria, com operações ou detalhamentos, mas contribuiu no sentido de trazer à tona a discussão sobre o sujeito que se apropria da língua para se fazer *eu*. Para o autor, construímos o sentido do que dizemos na situação em que dizemos. Portanto, se enunciar é um ato individual de colocar em funcionamento a língua, então o sentido[139] se faz apenas no enunciado e pelo enunciado, e é a partir daí que se iniciam as teorias enunciativas.

Neste artigo buscamos discutir três aportes teóricos, os identificando dentro do *corpus*. São eles a noção, para os estudos da enunciação, de subjetividade,[140] a categoria que Benveniste (1956) discute de pessoa e não pessoa e as marcas de modalidade, que se encontram dentro da noção de Operação de Localização de Culioli (1982, apud CAMPOS, 1994; 1997). Para fins de pesquisa, e pelas limitações metodológicas, selecionamos as categorias a trabalhar em um artigo; decerto que há inúmeras marcas existentes ou implícitas no enunciado, na situação de enunciação, que nos permitem enxergar a (inter)subjetividade ali estabelecida. As perguntas que motivam o presente artigo são: a) De que maneira as marcas indicadoras de (inter)subjetividade das quais André Dahmer se utiliza criam efeitos de sentido de humor e crítica em suas tirinhas?; e b) Quais são as marcas que o autor parece utilizar mais frequentemente e porque motivo isso ocorre? Basearemo-nos em Campos (1997), que discute noções de modalidade e localização, baseada em Culioli (1982) e sua Teoria das Operações Predicativas Enunciativas; Neves (2012), com sua classificação de modalidades e em Benveniste (1956), com postulados base para o entendimento da enunciação como disciplina, suas categorias de pessoa e não-pessoa e a noção de subjetividade, a qual se destaca de todas as áreas alheias à enunciação, à medida que toma o sujeito apropriador da língua para se fazer *eu* e apenas passa a ter consciência de si a partir do momento de sua enunciação.

## AS NOÇÕES DE (INTER)SUBJETIVIDADE, A CATEGORIA DE PESSOA E NÃO-PESSOA E AS MARCAS DE MODALIDADE

Benveniste (1956), em suas duas obras de maior conhecimento, intituladas "Problemas de Linguística Geral I" e "Problemas de Linguística Geral II", inicia, sem prever, um movimento na direção de uma nova disciplina, a Enunciação. O autor não chegou a desenvolver uma teoria da enunciação, porém, algumas categorizações

139 Campos (1994, 1997) e Culioli (1982) utilizam o termo "construção de significação", e, doravante, não faremos distinções entre este e a noção de sentido.

140 E, portanto, para Culioli (1982), de intersubjetividade, já que ambas andam sempre juntas. Separamos as duas noções para fins exclusivamente didáticos.

surgiram entre outros estudiosos e leitores de sua obra Um dessas categorizações foi a noção de pessoa e não pessoa, a qual nos servirá, neste artigo**,** de fundamentação teórica para as análises propostas. Antes disso, porém, precisamos compreender o que para a disciplina de Enunciação é a linguagem e como funcionam alguns dos processos envolvidos no fenômeno da comunicação humana.

Benveniste explica que "é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta, em *sua* própria realidade (que é a do ser), o conceito de "ego"". Assim, o autor estabelece a noção de subjetividade para a Enunciação, que seria a capacidade que tem o locutor para se propor como "sujeito", não em suas particularidades sentimentais, mas sim em sua completude psíquica, que se faz consciente de si, ou, nas palavras do autor, "é "ego" que diz *ego*" (2005b, p. 286). Silva (2012) afirma:

> a subjetividade remete à presença do sujeito enunciador nas suas produções, o qual está presente em todo e qualquer ato comunicativo, mesmo que em graus diferentes, já que se tem enunciados bem mais subjetivamente marcados do que outros (SILVA, 2012, p. 66).

Portanto, não podemos negar a existência dessas marcas de subjetividade, seja ela em qual grau se explicite no momento da enunciação. Já a enunciação, para Benveniste (2006), é o "colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (p. 82) A partir daí inicia-se a noção do *status* de pessoa e o sujeito passa a ser aquele que se apropria da língua para dizer o que diz, num ato único e novo a cada vez.

Juntamente à noção de sujeito ou de *eu* estabelecida, vem a noção de *tu*, a alteridade, que também constituirá a categoria de pessoa, visto que, na perspectiva de Benveniste (1956) é nas noções de *eu* e *tu* que se encontra o diálogo, implicando reciprocidade, ou seja, que eu me torne *tu* no momento em que o outro se apropria da língua, sendo então o *eu*. Nenhum dos termos existe sem o outro, e assim o autor questiona se a linguagem seria mesmo linguagem sem essa propriedade de expressão da subjetividade. Essas formas linguísticas que indicam a pessoa, ou seja, que a exprimem, *eu* e *tu*, não se omitem em nenhuma das línguas que surgiram ou existem no mundo, seja em qual tempo for. Os ditos "pronomes pessoais" jamais faltam nessas línguas, daí que Benveniste exprime que "uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível" (1956, p. 287).

Devemos lembrar, também, que essa referência de *eu* e *tu* traz uma série de "indicadores" consigo, tais quais, outros pronomes, advérbios ou locuções adverbiais, entre outros. É o caso dos demonstrativos, *este*, *essa* etc. que se relacionam com o *eu* ou o *tu*. Advérbios como *agora* e *aqui*, e outros termos como *hoje, ontem*, segundo Benveniste (2005a), também associam-se às pessoas, no caso dos citados, ao *eu*, como instâncias espaciais ou temporais. Dessa forma, Benveniste (2005a) explica que é "fundamental [...] que essas formas "pronominais" não remetam à "realidade" nem a posições "objetivas" [...], mas à enunciação, cada vez única [...] e reflitam assim o seu próprio emprego" (p. 280). Assim, os pronomes *eu* e *tu* devem estar sempre ligados em exercício da linguagem, bem como os dêiticos indicados para tempo e espaço.

Podemos então, em qualquer língua, identificar a pessoa em qualquer situação de enunciação, em grau maior ou menor, bem como a intersubjetividade, seja o co-enunciador o próprio enunciador ou outro. Para Silva (2012), quando nos utilizamos da

forma verbal, podemos remeter a aspectos intersubjetivos a partir do momento que as palavras "são mobilizadas para serem utilizadas com vistas a provocar uma mudança de conduta do co-enunciador" (SILVA, 2012, p. 86)

Segundo Benveniste (2006), o locutor dispõe de uma série de funções para influenciar de alguma maneira o comportamento do alocutário desde o momento em que se apropria da língua. Um desses aparelhos é a modalidade, uma forma de manifestação do enunciador no enunciado. Entretanto, Benveniste (2006) não explora a noção de modalidades, ao que recorremos a outros autores e pesquisadores posteriores (também leitores de Benveniste), os quais tentam discutir a modalidade mais amplamente.

Antes de compreendermos modalidades, porém, é preciso entender a Teoria de Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Culioli (1982, apud PAVEAU). Essa teoria contribui para que compreendamos, entre outros conceitos e fenômenos, o da intersubjetividade, quando consideramos a operação de localização, a qual utilizaremos em nossas análises. Se para Culioli (1982, apud CAMPOS, 1994) "Enunciar é construir determinação", essa determinação, explica Campos (1994), pode se estabelecer da seguinte forma: "um termo ganha determinação ao ser localizado em relação a um segundo termo, o termo localizador, que é mais determinado que o primeiro" (p. 142). Paveau (2006) explica: quando dizemos, por exemplo, "O livro está sobre a mesa", o *livro* é localizado em relação à *mesa*, esta última sendo denominada localizador. Essa operação é executada por todo enunciador e coenunciador em seus enunciados (visto que para Culioli todo enunciador é também seu próprio coenunciador), e dependendo de como é executada, como veremos posteriormente, pode causar diferentes efeitos de sentido, incluindo o de humor. As modalidades estão inseridas no grupo das operações de localização, são um dos tipos de localização.

Campos (1994; 1997) é uma das autoras que desenvolveram as noções e funcionamento das modalidades. Segundo a autora, "enunciar é construir determinação" (CAMPOS, 1997, p. 151), ou seja, partimos de uma estrutura abstrata (que a autora chama de relação predicativa) e a partir dela promovemos uma série de operações de localização (com maior ou menor grau de determinação) que irão determiná-la. A uma dessas operações, Campos (1997) denomina de modalização, ou operações modais, que para ela podem ser de opinião ou de saber. Dessa maneira, a modalização é importante indicador da presença do sujeito e principalmente da intersubjetividade, já que pode influenciar o comportamento do coenunciador.

Neves (2012) divide, em seu trabalho, as modalidades em três tipos: epistêmicas, deônticas e apreciativas, cada qual indicando marcadores linguísticos da presença do sujeito e da intersubjetividade, seja em qual enunciado elas se executem. A modalidade epistêmica caracteriza "valores de reforço de validação enunciativa e a interrogação retórica" (NEVES, 2012, p. 82), ou seja, demonstra presença do enunciador bem como suas escolhas categóricas para validar seu próprio enunciado. A pergunta retórica aí se encaixa por ser entendida, em estudos compartilhados, como uma asserção, já que contém sua própria resposta. Dessa forma, funciona não como uma pergunta a qual suscita uma resposta, mas sim como um marcador de alto grau persuasivo, considerando o coenunciador, e mostrando, assim, alto valor de intersubjetividade quando aparece no enunciado.

A modalidade deôntica indica ainda maior grau de intersubjetividade, já que corresponde a uma relação entre enunciador e o outro, na medida em que, a partir de

realizações linguísticas, esse enunciador pretende agir sobre o coenunciador, "pressionando-o ou autorizando-o, a realizar uma determinada atividade" (NEVES, 2012, p. 86). Exemplos dessa modalidade são os imperativos e expressões como "é necessário", verbos ter de/que, poder, dever, entre outros. O terceiro tipo de modalidade citado pela autora é a apreciativa, que se caracteriza por ter caráter avaliativo atribuído ao conteúdo do enunciado. Esse caráter avaliativo será marcado justamente pelo enunciador, mostrando assim sua subjetividade e tentativa de influenciar o outro, seu co-enunciador. Entendemos também, sob essa perspectiva, a intersubjetividade nesse tipo de modalidade marcada no enunciado.

## METODOLOGIA

O *corpus* analisado consiste em tiras variadas de André Dahmer, quadrinhista conhecido por publicações no jornal Folha de São Paulo e O Globo. O autor não utiliza de tempo cronológico em suas tirinhas, sendo cada uma independente da próxima ou anterior. Também desenha tiras com conteúdo variado, alternando geralmente política, religião, figuras públicas, e situações do cotidiano, numa abordagem bastante crítica e por vezes politicamente incorreta. Seu trabalho tem conteúdo ácido, reflexivo e humorístico.

Buscaremos, durante as análises propostas às tirinhas, identificar as marcas de sujeito e marcas que coloquem em evidência a intersubjetividade nos diálogos travados, focando também em explicar como e porque ocorreram as escolhas pelos sujeitos para a produção de efeitos de sentido, principalmente os de humor e crítica, mais utilizados pelo autor. Para isso, utilizaremos dos aportes teóricos explicitados anteriormente, como as marcas de modalidade, a utilização dos pronomes pessoais e dêiticos, fazendo também uso de parte dos conceitos da Teoria de Operações Predicativas e Enunciativas de Culioli.

## ANÁLISE ENUNCIATIVA DAS TIRINHAS

Figura 1 – Quadrinhos dos Anos 10




Fonte: Malvados da Depressão.
Disponível em: <www.malvados.com.br> Acesso em: 25 out. 2015.

Na tirinha acima ( figura 1) há um robô apropriando-se da língua para se fazer sujeito, no momento de sua enunciação. O estabelecimento da subjetividade em um robô, por sua apropriação da língua como *eu* (ao utilizar o pronome "eu" em "as pessoas que eu mato", bem como características tipicamente humanas por ele enunciadas (ter pesadelos, trabalhar) produz sentido para a compreensão da crítica na tirinha. O robô, dessa maneira, "humaniza-se" a ponto de desfazer-se do "trabalho" que lhe foi atribuído: "Esse trabalho não é para mim". A escolha do pronome demonstrativo "esse" também indica o distanciamento do robô com o trabalho que fazia, indicando que o trabalho é pertencente ao outro, ao *tu*.

Já no enunciado "Boas notícias, pessoal. Não usaremos mais os robôs.", encontramos marca de modalidade apreciativa. Quando o enunciador indica "boas notícias", ele marca a si próprio no enunciado, mostrando caráter avaliativo, ou seja, ele pensa que as notícias a serem dadas serão boas, temos marcada a subjetividade. Podemos perceber melhor a modalidade apreciativa quando substituímos o enunciado por um equivalente "São boas as notícias de que não usaremos mais os robôs" ou "Não usarmos os robôs são boas notícias". Há, então uma relação predicativa entre "Boas notícias, pessoal" e "Não usaremos mais os robôs". Mais além, podemos perceber forte intersubjetividade quando o enunciador se dirige ao "pessoal", ao grupo de soldados, ele julga serem boas as notícias para todos ali presentes.

São justamente a identificação de subjetividade em um ser inanimado e a quebra de expectativa quanto à escolha das marcas, como no caso de "boas notícias", que promovem os efeitos de sentido do humor e da crítica. Essa última pode ser validada quando observamos que na situação da enunciação (contexto de guerra) o robô, tecnicamente um "ser" criado pela tecnologia, uma máquina sem sentimentos, afirmar ter pesadelos e consciência originalmente humanos, enquanto que, num segundo momento, o general, na situação enunciativa em que se encontra, e sendo, ele sim, humano, entende que não utilizar os robôs configura "boas notícias". Dessa forma a crítica passada é a de que o homem, ser essencialmente subjetivo, tem cada vez mais se tornado "máquina" e perdido seu *status* de sujeito consciente e com remorso pela guerra, enquanto que as próprias máquinas "parecem" ser mais humanas que os mesmos.

Na tirinha a seguir ( figura 2), podemos identificar um diálogo entre os dois personagens sobre Deus:

Figura 2 –Deus em caixinha




Fonte: Deus em Caixinha.
Disponível em: <www.malvados.com.br> Acesso em: 25 out. 2015.

O primeiro enunciado "Não parece estelionato? Se Deus é O cara, por que ele precisaria do dízimo dos pobres?" traz duas interrogações. A primeira, podemos perceber, é um recurso de modalidade apreciativa, a valer-se da escolha lexical "estelionato", de caráter avaliativo por parte do enunciador. É também uma pergunta retórica, na medida em que o enunciador tenta convencer, com marca que indica seu posicionamento, como observamos na interrogativa seguinte, que configura, na situação enunciativa, muito mais uma argumentação do que um questionamento que suscita resposta do coenunciador. Assim, o enunciador não busca uma validação de sua pergunta no co-enunciador, mas sim, convencê-lo de seu próprio posicionamento quanto ao assunto comentado. Também, a intersubjetividade é delineada quando, partindo-se de "Se Deus é O cara...", o enunciador enuncia não sua própria noção, mas sim, uma noção já validada coletivamente, a de que Deus é muito importante, bondoso, e piedoso, indicado nas marcas mais atuais "O cara".

Quando o coenunciador enuncia "O fato é que Deus descerá com um caminhão de prêmios...", ele indica um grau de certeza em "O fato é que", que podemos categorizar como uma modalidade epistêmica, já que valida totalmente a relação predicativa. Para visualizarmos melhor, podemos substituir por "Sem dúvida que", "Certamente". Essa escolha de marcador de modalidade pode sugerir a fé que os fiéis têm por seu deus, reproduzindo assim, um efeito de sentido. Assim, na resposta do coenunciador — "Deus todo bondoso!" — confirmamos o efeito de sentido de fé, e dos rituais religiosos de repetição de frases em louvor a Deus. O coenunciador julga o deus um "Deus todo bondoso!" por descer com um caminhão de prêmios, como citado no enunciado anterior.

Em seguida o coenunciador continua "... mas só serão contemplados os que estiverem em dia com o carnê". O elemento "mas" liga-se diretamente ao enunciado "Deus todo bondoso!", numa relação de condição. Ou seja, existe uma condição, um contraste, pois Deus não é tão bondoso, já que o elemento "mas", na situação de enunciação, opõe-se ao enunciado anterior.

Quando consideramos "só serão contemplados os que estiverem em dia com o carnê", percebemos relação predicativa dentro do próprio enunciado. Há uma condição para a contemplação com prêmios para os fiéis, a qual é "estar em dia com o carnê", há, assim, a localização do elemento "ser contemplado" em relação a outro elemento, o localizador "estar em dia com o carnê".

É possível, também, identificar modalidade deôntica no enunciado, embora bastante implícita, pois não é marcada claramente, como seria, por exemplo, em "é necessário estar com o carnê em dias para ser contemplado". A comicidade da tirinha se dá pela interação dos sujeitos (intersubjetividade) na situação enunciativa que indica discurso religioso, comparando-o à atual venda de carnês para obtenção de prêmios, ou seja, comparando a religião na atualidade com o capitalismo, com a venda de milagres e glórias.

Na tirinha abaixo ( figura 3), encontramos o efeito de sentido de humor, com a quebra da expectativa do leitor, por conta também das marcas de intersubjetividade, através da operação de localização, como explicado a seguir:

Figura 3 – Malvados da depressão




Fonte: Malvados da Depressão.
Disponível em: <www.malvados.com.br> Acesso em: 25 out. 2015.

O imperativo na negativa "Não fique triste" indica modalidade deôntica, marcas as quais correspondem a uma forte noção de intersubjetividade, já que a modalidade em questão constrói uma relação entre o enunciador e seu coenunciador. Dessa forma, o enunciador age sobre o coenunciador, influenciando-o, na situação enunciativa acima, a realizar uma atividade, a qual seria mudar de comportamento. Em seguida, o enunciado "Você nasceu para ser estrela" como argumentação aparentemente em favor do anterior (veremos em seguida que isso não se valida), numa relação predicativa implícita, a marca "porque" não se mostra, mesmo assim sabe-se que há relação causal.

Em seguida o coenunciador enuncia "Nasci para brilhar?", em busca de validação por parte do outro. A comparação de "brilhar" com "estrela" marca a operação de localização, ou seja, "brilhar" está localizado em relação à "estrela", que é o localizador, sendo essa comparação a mais comumente e frequentemente encontrada nas situações enunciativas. Entretanto, o humor da tirinha se dá justamente pela quebra da operação de localização comumente recorrente, que é "estrela" e "brilhar", ou seja, há a quebra de expectativa do leitor, bem como dos coenunciadores (um ao enunciar e o outro ao interagir). O coenunciador refuta, ou seja, não valida, dessa forma, o questionamento do enunciador, ao responder "Nasceu para ficar distante e isolado". Dessa maneira, a operação de localização se dá entre "estrela" e "distante e isolada do planeta", produzindo o efeito de sentido de humor com a situação enunciativa que foi mostrada.

Em seguida, na tirinha da figura 4, analisamos de que maneira a quebra de expectativa e o efeito de humor se constroem dentro da intersubjetividade denominada pelo autor:

Figura 4 –Malvados




Fonte: Malvados da Depressão.
Disponível em: <www.malvados.com.br> Acesso em: 25 out. 2015.

Na figura 4, a intersubjetividade se faz presente e bem marcada na interrogativa inicial, por meio da qual o enunciador dá ao *tu*, o qual ele denomina "você", o poder de validação da pergunta. A situação de enunciação parece, dessa forma, a partir das marcas no enunciado inicial, uma situação de entrevista ou questionamento para preenchimento de vagas em um emprego.

O coenunciador invalida a interrogativa inicial, já de início, com o elemento "não" e em seguida elabora seu enunciado com sua única experiência profissional anterior "**só** trabalhei em telemarketing", ou seja, "**apenas** trabalhei em telemarketing". Quando percebemos essas marcas em conjunto, entendemos que para o coenunciador o telemarketing não configura experiência com tortura. Entretanto, o sujeito inicial volta a enunciar "O emprego é seu", implicitamente implicando que ele próprio considera o "telemarketing" diretamente localizado em relação à "tortura", o que, na situação de enunciação, produz o efeito de humor e crítica à ocupação do profissional de telemarketing. Dessa maneira, o efeito de humor se dá em maior parte pela subjetividade de cada um dos enunciadores, pois suas operações de localização diferiram em relação aos dois elementos (para um deles essa localização se valida, e para o outro, não), e dessa subjetividade na operação de localização surge a quebra de expectativa do leitor no momento da leitura, inicialmente imagina-se que o leitor poderá concordar com o enunciador no segundo quadrinho, quando este diz que não tem experiência com tortura, apenas trabalhou em telemarketing. Porém, posteriormente, no terceiro quadrinho, o leitor pode vir a ajustar, assim como o enunciador em "O emprego é seu", sua operação de localização, entre "tortura" e "telemarketing". O efeito de humor paira entre o estabelecimento ou não da operação de localização entre "tortura" e "telemarketing". Já a intersubjetividade se faz no diálogo da figura 4 a partir da interrogativa e auxiliada pelas escolhas pronominais "seu", "você".

Na figura 5, em seguida, identificamos um diálogo também com efeito de humor no leitor, com marcas de intersubjetividade relativas ao tempo, à interrogativa e à localização:

Figura 5 — Malvados II




Fonte: Malvados da Depressão.
Disponível em: <www.malvados.com.br> Acesso em: 25 out. 2015.

Na figura 5, percebemos, no primeiro enunciado ("Ainda está triste?"), a relação de intersubjetividade estabelecida pelo enunciador por meio do advérbio "ainda", o qual implica, necessariamente, um conhecimento anterior por parte desse enunciador, um estado que iniciou-se em um ponto anterior ao da enunciação, sobre o qual o

enunciador conhece e estabelece interrogativa, cabendo ao co-enunciador o poder de validar ou não, na interação com o outro, a questão elaborada.

Em seguida, o coenunciador invalida a interrogativa por meio do elemento "não", mais especificamente invalidando o elemento "triste", ao que o leitor imediatamente poderá esperar o oposto equivalente do elemento "triste", o qual viria a ser "feliz" ou, ao menos, "não triste". Entretanto, ao invés de "Não, agora não estou mais triste." ou "Não. Agora estou feliz/melhor", o enunciador intensifica o elemento "triste" com seu enunciado "Não. Agora me sinto destroçado". Ou seja, para o enunciador, "destroçado" não se localiza em relação à "triste", razão da escolha do marcador "não", invalidando a tristeza, e corrigindo para o sentimento que ele sente no "agora". Assim, a subjetividade do enunciador ao escolher marcar o "não", posteriormente fazendo com que esse "não" não invalide, mas sim, permita a intensificação do sentimento, produzindo o efeito de quebra de expectativa no leitor, que, comumente, não exclui o sentimento "triste" do localizador "destroçado", pelo contrário, quando alguém se sente destroçado, se sente também triste, em geral. Finalmente, no último quadrinho, o co-enunciador, em "Falei que a tristeza passaria", e compartilhando do mesmo ponto de vista do outro, indica a não localização do elemento "triste" em relação à "destroçado". Por exemplo: "Falei que a tristeza passaria" pode ser compreendida na situação enunciativa como "Você não está mais triste, eu lhe falei que a tristeza passaria", ou seja, o coenunciador não está mais triste, está destroçado. Essa quebra dupla e seguida de expectativa do leitor, através das escolhas de marcas por parte dos coenunciadores da tirinha, é que pode ser o desencadeador do efeito de humor, uma vez que comumente se considera o "não" um elemento de invalidação, quase que em todas as situações de enunciação, o que não ocorre completamente no caso explicitado acima.

## DISCUSSÃO SOBRE A ANÁLISE

Através de análise cuidadosa dos dados de *corpus* selecionados, à luz da teoria enunciativa e de postulados inerentes à mesma, pudemos perceber uma parte do papel da subjetividade e intersubjetividade dentro da construção de sentido que o autor objetiva em seus trabalhos. Sendo a (inter)subjetividade indissociável da enunciação no que tange à epistemologia da disciplina. Não foi difícil encontrarmos suas inúmeras marcas construídas e introduzidas nos enunciados produzidos. Entretanto, compreender, dentro do processo de enunciar e construir determinação, e, portanto, significação, *de que maneira* essas marcas de inter(subjetividade) constroem efeitos de sentido no e pelo enunciado parece-nos uma atividade um pouco mais complexa.

Procurando compreender de que maneira essas marcas de (inter)subjetividade foram imprescindíveis nas construções de sentidos humorísticos e críticos, atemo-nos a poucas categorias das muitas existentes e passíveis de análise, sabendo que a identificação de todas seria demasiado extensa. Abaixo, na figura 6, apresentamos tabela com ocorrência de cada uma das marcas linguisticamente explicitadas nas tirinhas, pelo menos uma vez, para facilitar a visualização da quantidade de ocorrências.

Tabela 1 — Tabela de ocorrência de marcas de (inter)subjetividade (2015)

| | figura 1 | figura 2 | figura 3 | figura 4 | figura 5 |
|---|---|---|---|---|---|
| Pronomes | x | x | x | x | x |
| Interrogativa | | x | x | x | x |
| Localização | | | x | x | x |
| Modalidade | x | x | | | |
| Pessoa/ não-pessoa | x | | | | |
| Outros | x | x | | | x |

Fonte: os autores.

A ocorrência dos pronomes nas tirinhas era esperada para a maior parte das tirinhas, por sua ocorrência em geral em situações de enunciação cotidianas, quando tratamos da língua portuguesa. Os chamados "pronomes pessoais" encontrados na gramática normativa são largamente utilizados em português em situações comunicativas variadas. Entretanto, para esta categoria, podemos afirmar que em apenas uma delas (tirinha 1), a utilização dos pronomes (*eu* e *mim*) foi de grande relevância para a construção de sentido dentro da tirinha. É o caso do robô, que se humaniza ao utilizar-se desses pronomes tipicamente subjetivos, trazendo para si a significação de subjetividade exclusiva do ser humano. Para as tirinhas restantes, a utilização dos pronomes não configura grande parte na significação de humor ou crítica, pois esses sentidos humorísticos ou críticos se fazem por meio de outras marcas acima identificadas, sozinhas ou combinadas. A presença pronominal também não tem papel tão relevante nas significações, pois, em português, as terminações verbais já trazem consigo a ideia pronominal: por exemplo, "Não fique assim" já nos indica que há um *tu*, ou seja, há uma marca de alteridade indicada pelo verbo conjugado (fique), o qual, de acordo com a gramática prescritiva, indica consequentemente o pronome "você".

A marca interrogativa, também bastante frequente na tabela indicada na figura 6, indica grande intersubjetividade, seja na intenção do enunciador em suscitar no seu co-enunciador uma validação de sua pergunta, seja como marca de modalidade, no objetivo do enunciador, em uma situação de enunciação, de convencer, influenciar o seu co-enunciador, como ocorre, por exemplo, na tirinha da figura 2. Nas tirinhas analisadas, as interrogações utilizadas tiveram as duas funções, suscitar do co-enunciador uma validação, ou mostrar marca de modalidade no sentido de convencê-lo; ambas as funções, portanto, indicam alto grau de intersubjetividade ao expor a relação entre os sujeitos, entre o *eu* e o *tu*.

Seguindo ordem decrescente de ocorrência, as operações de localização sobre as quais discorre Culioli (1982) aparecem em três das tirinhas analisadas, e indicam, também, alto grau de intersubjetividade. Isso porque mexem com o nível 1 de representação indicado por Campos (1994), o nível das noções e operações, ou seja, o nível das "representações abstratas de natureza cognitiva, pré-lexicais e pré-enunciativas" (CAMPOS, 1994, p. 139). Dessa forma, essas noções são construídas por cada sujeito em sua subjetividade, e, portanto, podem variar para cada um. Essas representações abstratas são também construídas no meio sociocultural, portanto coletivas e

intersubjetivas. A partir das diferenças entre noções de diferentes sujeitos, é que as operações de localização causam os efeitos de sentido pretendidos pelo autor, quando uma localização (ou não localização) entre dois termos marcados é prevista pelo leitor, mas não-validada posteriormente na tirinha, levando ao efeito de humor pela quebra de expectativa.

Em seguida, as modalidades apreciativas que são marcadas nas tirinhas das figuras 1 e 2, constroem efeito de crítica, respectivamente aos humanos "desumanizados" e ao modo como a religião é tratada atualmente, indicando, dessa forma, a tentativa do autor, por meio da enunciação de seus personagens, de argumentar e convencer o leitor de seu ponto de vista. A modalidade utilizada dessa forma, pelo autor, indica muito de sua própria subjetividade na enunciação de seus personagens. Finalmente, a categoria de pessoa e não pessoa, marcada na tirinha da figura 1, é relevante para a construção do sentido de crítica, pois joga diretamente com a subjetividade e a noção de sujeito de Benveniste (1956). O fato de ser um robô a se apropriar da língua, utilizando-se para isso do pronome "eu" e se fazendo "ego" dentro de sua enunciação, ou seja, se fazendo sujeito, o personifica, o humaniza. Essa noção, juntamente com a modalidade apreciativa citada acima e utilizada na mesma tirinha, traz o efeito de crítica ao mostrar o robô como mais humano do que o próprio ser humano.

Na categoria "outros" da tabela da figura 6, contabilizamos três ocorrências de marcas nas enunciações que foram relevantes para o estabelecimento da (inter)subjetividade, porém, não puderam ser classificadas em nenhuma das outras categorias. São eles, na figura 1, a utilização do substantivo "pessoal", na figura 2, a conjunção "mas" e na figura 5, o advérbio "ainda". Dentro de suas respectivas situações enunciativas, essas marcas tiveram seus valores intersubjetivos na medida em que marcaram, no discurso, a interação entre o *eu* e o outro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar, sob um olhar das teorias enunciativas, tirinhas do autor André Dahmer, para tentar explicar de que maneira se marcam nas enunciações os elementos que contribuem para a construção de significações, ou seja, de sentidos, tanto de humor, como de crítica. Para isso nos utilizamos das noções de sujeito, subjetividade e categorias de pessoa e não pessoa, de Benveniste (1956), intersubjetividade e operações de localização, de Culioli (1982, apud CAMPOS, 1994, 1997) e modalidades, segundo Neves (2012).

A partir da análise detalhada do *corpus*, pudemos investigar de que forma o autor constrói sentidos de humor, de crítica e, mais além, tenta convencer o leitor de suas próprias opiniões, por meio dos enunciados de seus personagens. Considerando a amplitude das teorias enunciativas, buscamos contribuir para as análises enunciativas, aumentando o escopo de pesquisas na área, através da categorização de algumas marcas indicadoras de intersubjetividade, que, nas situações enunciativas em que ocorreram, foram cruciais para a construção de significação.

Nesse sentido, pretendemos frisar a importância de estudarmos a língua e, principalmente, o ato de apropriar-nos da língua, para determinar, como dizem os autores na área. De outra forma, sabemos que a língua é abordada em sala de aula, e situações

de ensino, de maneira estática e segmentada em categorias que pouco refletem sua forma e suas funções. Através dos estudos das teorias enunciativas é que nos permitimos o olhar para a língua de uma perspectiva subjetiva, e assim, dentro do enunciado e pelo enunciado é que se encontram construídas todas as significações e sentidos pretendidos.

Os estudos sobre intersubjetividade e marcas enunciativas são amplos e genéricos, e, portanto, necessitam de recortes para que análises mais detalhadas sejam feitas. Dessa forma recortamos algumas das categorias que julgamos importantes para o corpus selecionado, na construção de sentidos, compreendendo que muitas outras foram deixadas de lado. Para futuros estudos utilizando o corpus de tirinhas do autor (ou outros), o qual é bastante extenso, deixamos sugestões de estudos com modalidades, tempo, pessoa e lugar, aspecto, entre outras categorias próprias da disciplina.

# REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: ____. **Problemas de Linguística Geral I.**. Campinas: Pontes, 2005a.

____. Da subjetividade na linguagem. In: ____. ____: ____, 2005b.

____. O aparelho formal da enunciação. In: ____. **Problemas de linguística geral II.** ____: ____, 2006.

CAMPOS, M. H. C. Abordagem semântico-enunciativa de alguns problemas gramaticais. In: **Máthesis 3**, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Letras, Viseu, 1994. pp. 137-150.

____. Para uma distinção formal entre operações de modalização: sobremodalização e re-modalização.In: ____. **Tempo, aspecto e modalidade:** estudos de linguística portuguesa. Portugal: Porto , 1997.

DAHMER, André. **Malvados.** Disponível em: <http://www.malvados.com.br.>. Acesso em: Jun. 2015.

NEVES, J. S. B. Marcadores da modalidade e do mediativo no Correio Braziliense e na Gazeta de Lisboa. In: ____. **Corre voz no jornalismo do início do século XIX:** estudo semântico-enunciativo do Correio Braziliense e da Gazeta de Lisboa. Jundiaí: Paco, 2012.

PAVEAU, M; SARFATI, G. Teoria da Enunciação e Polifonia: O. Ducrot. In: ____. **As grandes teorias da linguística:** da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

SILVA, M. M. O. **Modalidades subjetivas e intersubjetivas nos perfis do Orkut:** uma análise na perspectiva da teoria das operações predicativas e enunciativas. Teresina, UFPI, 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos de Linguagem, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.